

VISÕES DE ONETTI

Com a narrativa do uruguaio Juan Carlos Onetti acontece algo similar ao que acontece com os textos do argentino Jorge Luis Borges: sendo profundamente nacionais são, também, profundamente universais, inserindo-se nos momentos mais complexos e criativos da literatura ocidental. De fato, a literatura de Onetti constitui uma retomada, a partir da imaginação, das grandes questões que têm inquietado o homem contemporâneo e que encontram seu ponto de deflagração na idéia de desfundamentação do ser. Um forte rumor heideggeriano ressoa em Onetti e é aquele que diz “o ser não é”, o ser apenas acontece; é apenas um acontecimento histórico-cultural num mundo que se experimenta dentro do horizonte constituído pelas ressonâncias da linguagem. Para investigar as conseqüências e implicações dessa idéia, Onetti demarca o espaço imaginário de Santa María, que recria os problemas cruciais do homem urbano contemporâneo como a fragmentação e a dissolução do eu.

Talvez como nenhum outro escritor latino-americano, Onetti trabalhou segundo um plano meticuloso, problematizando a escrita ficcional e suas categorias canônicas. Assim, sua obra mostra uma extrema coerência interna e repensa a literatura, desestabilizando seu sistema mas evitando a tentação de reorganizá-lo de acordo com um projeto fundador, como fizeram muitos dos escritores hispano-americanos de sua época. Ao expor em seus textos uma lógica da ambivalência, Onetti convida à multiplicidade interpretativa e desafia o poder da crítica, em seus diversos enfoques. Este número da revista *Fragmentos* apresenta diferentes aproximações a esse texto elusivo por natureza que é o texto onettiano.

Liliana Reales, centrando sua análise em *Dejemos hablar al viento*, pensa a relação entre a linguagem e a literatura, segundo a lê no “espelho convexo” do universo onettiano. A partir de uma leitura foulcautiana-dällenbachiana, o seu ensaio chama a atenção para a proliferação de sentidos constitutiva da escrita de Onetti. María de los Ángeles González parte de

uma fina observação de Lukács para desvendar alguns mistérios da criação onettiana, detendo-se particularmente na novela *Cuando entonces*, de que ressalta o aspecto melancólico. Gustavo San Román efetua uma leitura detida do final de *El astillero* e essa leitura de detalhe mostra a força de todo o *corpus* onettiano. A obra de Onetti chama a atenção por seu machismo aparente, mas em um escritor como ele as coisas nunca são simples. Assim, Pat Odber de Baubeta traça um minucioso paralelo de temas e procedimentos entre o uruguaio e a chilena María Luisa Bombal, feminista *avant la lettre* e uma das pioneiras da nova literatura nas letras hispano-americanas, e o que emerge são mais convergências que divergências. Por outro lado, Aurora Ocampo analisa a complexa representação da mulher na ficção onettiana e demonstra que a ternura tem seu lugar por trás da superfície dura e cínica. Onetti parece conjugar uma constância temática com uma vontade constante de experimentação formal. Além de dominar as formas do romance, do conto e da novela, Onetti experimentou com êxito o miniconto como demonstra, com fortes evidências e argumentação, o artigo de Paul Jordan sobre “El cerdito”. Onetti é atualmente uma unanimidade crítica, mas nem sempre foi assim e o artigo de Walter Carlos Costa retrata um momento da recepção de Onetti, a de seu conterrâneo Emir Rodríguez Monegal. Encerram o volume duas peças documentais: Daniel Balderston evoca os últimos momentos de Onetti escritor através do confronto entre a versão publicada e os manuscritos de *Cuando ya no importe* e Pablo Rocca rememora os últimos dias montevidéanos de Onetti. Finalmente, estudiosos e curiosos terão uma farta lista de escritos de e sobre Onetti na extensa bibliografia compilada por María Inés G. de Vigil e Andréa Cesco Scaravelli.

Liliana Reales e Walter Carlos Costa